

## UMA EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Por que escrevi este pequeno opúsculo?

Simplesmente para despertar no prezado leitor a importância do folheto evangélico, seu alcance e sua necessidade.

Enquanto as seitas crescem através dos mesmos meios de divulgação, muitas vezes objetivando resultados financeiros, os que possuem as verdades eternas no coração, objetivando a salvação de almas, deveriam se esforçar na disseminação de folhetos, como a boa semente da Palavra de Deus.

Que este desprezioso trabalho alcance seu objetivo, e que o nome de nosso Senhor Jesus Cristo seja exaltado na salvação de almas, quer na elaboração, na impressão ou na distribuição de folhetos.

Que o Senhor da seara derrame suas bênçãos em favor das vidas que se dedicam neste ministério, dando-lhes saúde, disposição, coragem e entusiasmo, certas de que este trabalho não é vão no Senhor.

“Quem sai andando e chorando enquanto semeia, voltará com júbilo trazendo os seus feixes” (Salmo 126; 6).

São Paulo, março de 1996

## LEMBRANÇAS DO MEU NASCIMENTO

Nasci numa pequena cidade do interior, mais precisamente num pequeno quarto que era também um escritório, onde dormia e ao mesmo tempo estudava um homem bastante simples.

Lá ele começou a me dar forma, utilizando-se de um papel e de uma velha máquina de escrever. Tentou várias vezes, apagava várias frases e tornava a escrevê-las, e por fim, saiu o que agora sou - um folheto ,um pequeno escrito impresso.

Dentro de minhas quatro páginas se encontram palavras poderosas.

Tenho visto ao longo de minha existência muitas pessoas que, após lerem meu conteúdo, derramam lágrimas, outras me tratam com indiferença deixando-me num canto qualquer, e ainda outras me jogam no lixo.

Confesso que quando isto acontece fico imensamente triste. Mas o que posso fazer? Devo lembrar que sou apenas um folheto de quatro páginas.

Eu tenho muitas experiências para contar.

Você está disposto ouvi-las ?

## A FUJITIVA

Não faz muito tempo fui parar nas mãos de uma jovem, quem sabe perto dos dezesseis anos. Ela brigou com seus pais e resolveu fugir de casa. Coitada, numa noite fria, separou algumas roupas, e desapareceu. Estava totalmente confusa. Seus pensamentos giravam em sua cabeça como um turbilhão.

Turbilhão? Mas eu não perco a mania de usar palavras difíceis - fica melhor um furacão, um redemoinho...

Bem, assim estavam seus pensamentos, e o que é pior, um coração cheio de ódio.

Algum tempo se passou, e lá estava ela sentada numa praça, toda suja, pensativa. E aí eu fui parar em suas mãos.

E ela começou a me ler. Leu uma vez, duas, e com muito cuidado me guardou dentro de uma agenda, em sua mochila.

No dia seguinte, bem cedinho, voltou a me ler. E depois começou a chorar baixinho, pois em minha segunda página estava escrito :

**“Então, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu tempo com fartura, e eu aqui morro de fome! Levantar-me-ei e irei ter com meu pai e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho: trata-me como um dos teus trabalhadores”.**

E logo, um pouquinho mais adiante, ela leu:

**“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.**

Tornou a me guardar em sua agenda e começou a caminhar depressa. Ao mesmo tempo que caminhava depressa, ela balbuciava : “Deus me ama”...”Deus me ama”. As pessoas que passavam perto dela mexiam a cabeça. Pensavam que ela não “regulava” muito bem.

E sabem para onde ela estava indo? Para sua casa.

Assim que chegou, fiquei bem quietinho dentro de sua agenda e escutei tudo.

Ah.como sou curioso.

Ela abraçava e beijava seus pais e lhes pedia perdão. E soluçando, contava-lhes que tinha descoberto a verdadeira vida na pessoa do Senhor Jesus.

Em seguida, foi até sua agenda, e com muito cuidado me tirou lá de dentro.

Confesso que já estava aflito no meio daquelas páginas.

E com muito carinho, passou suas mãos várias vezes sobre mim, alisando-me suavemente. Que delícia. Fiquei muito satisfeito.

E me entregou para seus pais, dizendo-lhes que fui eu quem mostrou-lhe a nova vida em Cristo.

Como fiquei orgulhoso.

Assim que seu pai me tomou em suas mãos, disse que logo iria me ler, pois desejava muito falar com sua filha. E colocou um peso sobre mim para que eu não voasse, pois a janela estava aberta e ventava muito. E lá fiquei eu morrendo de frio.

Passaram vários dias e a poeira começou a me perturbar.

Ah, eu ia me esquecendo de dizer que sou alérgico por poeira. Mas que remédio, não podia me mexer nem sair de lá por vontade própria.

Um dia, chegou uma senhora de seus quarenta anos, naquela casa. Tinha um lenço amarrado na cabeça e um espanador grande em suas mãos. Era a arrumadeira da casa. Fiquei assustado com aquela coisa tão grande,

com uma penugem esquisita. E começou a me espanar. Confesso que me senti aliviado com a retirada de tanto pó.

Aí, ela me pegou em suas mãos, sentou-se num banquinho e começou a me ler. Mas ela me lia muito mal. Às vezes tinha dificuldade com certas palavras e eu me sentia tão aflito. Depois de muito tempo, dobrou minhas folhas, colocou-me em seu avental e levou-me para sua casa.

Era uma casa bem humilde, mas tudo em perfeita ordem e limpeza.

De noite, reuniu seus filhinhos, um com oito e o outro com seis anos. E começou a me ler para eles. E aí começou meu sofrimento outra vez, pois sua dificuldade era grande diante de minhas letras. Mas ela foi até o fim, despertando curiosidade em seus filhinhos.

Quando terminou, havia um convite no final, com um endereço onde outras mensagens como as que eu continha, poderiam ser contadas.

E sabe o que aconteceu? No domingo, bem cedinho, todos foram para aquele lugar onde encontraram o mesmo Salvador que aquela jovem encontrou.

Se você visse aquela mulher com seus filhinhos! Ah eu mesmo vi uma nova vida raiando em seus corações com o toque poderoso de minhas palavras. E como fiquei satisfeito.

E sabe onde ela me colocou? Dentro de um Novo Testamento que ganhou naquela igreja.

Alguns meses depois, trabalhando naquela casa, descobriu que o pai daquela jovem estava muito doente. E num dos intervalos da limpeza, falou sobre o conteúdo de minhas palavras. E eu fiquei todo orgulhoso.

Falou que um dia encontrou-me sobre um móvel todo empoeirado, que me espanou e que depois me leu várias vezes. E que por fim descobriu a verdadeira vida em Jesus Cristo.

Assim que terminou de contar sobre mim, aquele homem sentou-se de repente naquela cama, e espantado falou.

---Então é o folheto que mudou a vida de minha filha e eu fiz pouco caso dele. Ah se eu pudesse lê-lo... Por que não o li naquele dia?

E mais do que depressa a mulher falou:

---Não se preocupe, amanhã eu vou trazê-lo para o senhor, pois ele está bem guardadinho em meu Novo Testamento, meu Livro inseparável.

E aquele homem, já bastante doente, com voz bem triste falou:

--- E se não tiver tempo, pois me sinto tão fraco...será que não poderia trazê-lo ainda hoje?

---E mais do que depressa, lá foi ela me buscar.

Vim bem apertadinho no meio de seu Novo Testamento.

Lá chegando, entregou-me para aquele homem que começou a me ler devagarzinho.

Leu-me várias vezes, até chamar sua filha para explicar-lhe melhor meu conteúdo. E na medida em que ela falava do amor de Cristo, seu rosto resplandecia de alegria e suas lágrimas escorriam em sua face.

Só me lembro de algumas palavras que ele falava baixinho:

“Eu desejo receber a Jesus Cristo como meu Salvador... eu descobri que ele me ama... por que fui descobrir tão tarde?”.

E apertando as mãos de sua filha, exalou... mas que coisa, estou falando difícil de novo, fica melhor soltou seu último suspiro.E aí eu chorei também! (Você acredita que um folheto chora?)

Acho que você está cansado com minhas histórias. E são tantas. Eu estou tão velho, mas lembro-me de muitas.

## O MARINHEIRO

Certa vez, fui parar nas mãos de um marinheiro. Um moço bonito. Um tipão.

Ele estava andando perto do cais, pois era dia de sua folga.

Este moço, quando criança, frequentou uma igreja onde aprendeu muita coisa sobre o Senhor Jesus. Mas atingindo a adolescência, seguiu a sua própria vida, fazendo amizades prejudiciais. Sofreu muito e trouxe muitos desgostos aos seus pais. Até que resolveu trabalhar em navios de grande porte, tornando-se um marinheiro.

Nesse dia, caminhava sozinho.

Era o dia do aniversário de sua mãe, uma fiel serva do Senhor.

E começou a recordar que no passado, nesse dia, sua mãe convidava várias pessoas para um culto de gratidão a Deus. E os convidados cantavam muitos hinos, e uma alegria divinal invadia o seu pequeno lar. E na sua mente, vieram as primeiras palavras de um hino que sua mãe apreciava:

**“Sim o amor de Deus é grande, nem nele há variação; mais se alarga, mais se expande, quanto mais lugar lhe dão. Esse amor é sem medida, bênção traz ao pecador, e o vigor da nova vida nos infunde tal amor”.**

E baixinho, começou a balbuciar a melodia do velho hino.

E foi exatamente nesse momento que alguém me entregou para ele.

Lembro-me que ele levou um tamanho susto, pois estava distraído. E olhando para mim, ao mesmo tempo agradeceu aquela pessoa que nunca mais viu. Leu as minhas primeiras palavras, guardou-me num dos bolsos de sua calça, e seguiu cantando aquele velho hino.

À noite, uma vez no convés do navio, tirou-me do bolso e começou a me ler.

Soprava uma brisa muito gostosa, e confesso que tive medo de sair voando e cair naquelas águas geladas. Mas ele me segurava muito bem, ao

ponto de sentir a força de seus grandes dedos. Leu-me várias vezes e por fim guardou-me de novo em seu bolso. Fiquei desapontado, pois não vi nenhuma reação como das outras vezes em outras pessoas.

Lá pelas onze horas, ele foi para o seu camarote, e sem tirar a roupa, jogou-se na cama, e eu fiquei sufocado, entre seu bolso traseiro e o colchão. Que situação mais desconfortável. Mas que remédio, eu sou um simples folheto de quatro páginas.

E naquela noite ele se mexia muito na cama. Parecia que estava sobre um formigueiro. Ora se levantava, ora se deitava. E de repente, tirou-me de seu bolso. Que alívio! E começou a me ler vagarosamente. Parou, e começou a cantar aquele hino: “Sim o amor de Deus é grande...”. E reiniciou a leitura e aí foi até o fim.

E eu fiquei de olho nele, pensando: “Será que vou de novo para seu bolso?”. Que nada, ele começou a me ler novamente, até que passou a cantar em voz alta o hino de sua mãe, e cantava, e chorava, me lia mais um pouquinho, cantava e chorava. E sabe de uma coisa, isto foi até o navio apitar, anunciando o horário de despertar.

Amanhecia.

As poucas estrelas no firmamento ainda luziam, e o jovem marinheiro estava cheio de felicidade.

Naquela noite, abraçou o mesmo Salvador de seus pais. Era uma nova vida, contente em descobrir que o amor de Deus é grande e que nele não há variação.

E eu fiquei contente também.



## O GRANDALHÃO

Um dia fui parar nas mãos de um homem que mais se parecia com um gigante. Tinha uma boca bem grande - parecia um túnel - e um bigode bastante espesso.

Seus gestos eram bruscos, mas diante da menina franzina e ao mesmo tempo gentil que lhe entregava o folheto, eu mesmo, ele mostrou-se educado, guardando-me imediatamente num dos bolsos de sua jaqueta. Que experiência dura para mim. Lá fiquei eu todo amarrotado.

Duas semanas depois, levou sua jaqueta para a lavanderia e esqueceu-se de tirar-me do bolso.

Que alívio, pois por um pouco quase fui centrifugado. E se isso acontecesse, já imaginou o que seria de mim?

Pois bem, a mulher tirou-me do bolso e grampeou-me no comprovante da entrega da jaqueta, pois só assim eu seria devolvido para o grandalhão.

Ao retirar sua jaqueta, ficou curioso, pois havia me esquecido completamente. E novamente me colocou em seu bolso.

Lá estava eu de novo como da primeira vez.

Ao sair da lavanderia, entrou num pequeno bar onde comprou cigarros, guardando-os junto comigo.

Lembra-se que sou alérgico? Pois bem, comecei a me sentir ofegante com aquele cheiro terrível, (sempre me esqueço que sou um folheto) até que ele encontrou-se com um amigo bem parecido com ele. O amigo pediu-lhe um cigarro, e ele, tirando o maço do bolso, deixou-me cair, causando curiosidade em seu amigo, que me socorreu tão depressa, e começou a me ler. Mal começara, deu uma gargalhada tão grande que levei um susto. Ainda rindo, zombou de seu amigo, chamando-o de cristão.

---Então, você agora virou crente?

E continuou a dar a sua gargalhada e a fumar o cigarro ao mesmo tempo.

---Que nada, responde o outro.

Recebi este folheto há umas semanas de uma menina tão educada. Se fosse outra pessoa, teria rasgado em sua cara. Mas esta criança me encantou com sua educação. Parece que estou ouvindo sua voz, agradecendo-me por ter recebido o folheto. Mas não o li ainda. Não tenho a mínima vontade.

E tornou a pegar-me em suas grandes mãos e lá fui eu de novo para seu bolso, perto do maço de cigarros. Que sofrimento !

## NUM LAR DE VELHOS

Não levou muito tempo, o grandalhão deu sua jaqueta para um abrigo de velhos, e eu fui junto.

Logo que lá cheguei, uma senhora bem idosa tirou-me do bolso.

Que alegria foi a minha. Podia respirar...bem, respirar é força de expressão, pois sou um folheto de quatro páginas.

Ela guardou-me em uma caixinha de documentos velhos. O cheiro não era de cigarros, mas de papel velho, amarelado.

Estou falando de papel velho como seu eu fosse novinho! Bem, mas aqueles eram mais velhos do que eu.

Não sei quanto tempo lá fiquei, mas um dia esta bondosa senhora levou-me para uma varanda bem grande, diante de um imenso jardim, sentou-se numa cadeira de balanço e começou a ler-me.

Era uma senhora de pouco mais de setenta anos, cabelos bem grisalhos e bem gorda.

Quando terminou a leitura, percebi que outra senhora estava por detrás, lendo-me também. E começaram a travar um diálogo.

Eu fiquei bem quieto.

Uma delas dizia:

---Isto que está escrito não tem nenhum valor, pois foi escrito por qualquer pessoa.

Como aquilo me ofendeu.

“Qualquer pessoa?”. Ora, o homem que escreveu-me pediu direção a Deus. Orou insistentemente por mim, para que eu fosse um instrumento em suas mãos.

Ouvia sempre ele dizer:

“Foi Deus mesmo quem escreveu estas linhas, pois ele deseja que todos se salvem e venham ao conhecimento da verdade”.

Mesmo aborrecido, continuei ouvindo aquelas duas senhoras.

Uma delas respondeu:

---Bem, se foi escrito por qualquer pessoa, não sei, mas suas palavras parecem que tem um poder maravilhoso. Continuou ela:

---Escuta só esta parte:

“O homem foi criado para viver em santidade, mas o pecado entrou no seu coração e ele foi expulso daquele jardim. Mas Deus, em sua infinita misericórdia, enviou seu único Filho para salvar a todos os que crêem Nele.

E escute só que palavras mais doces:

---Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

Logo em seguida, tocou o sino anunciando a hora do jantar, e as duas mulheres foram para o restaurante.

E eu fiquei dobrado no bolso de sua jaqueta, aquela do grandalhão.

De noite, foram para o quarto, pois as duas dormiam no mesmo aposento.

Uma vez naquele quarto, um lugar bem quentinho, ela tirou-me do bolso e colocou-me sobre uma mesinha, ao lado de um copo com água. Fiquei com medo de que ela, distraidamente, esbarrasse no copo e me molhasse todo. Felizmente isto não aconteceu, pois de manhã, novamente, as duas retomaram os comentários sobre o meu conteúdo.

E eu, como no dia anterior, fiquei ouvindo.

Alguns dias depois, chegou naquele lar de velhos um senhor de aproximadamente seus cinquenta anos. Vinha com uma Bíblia em suas mãos. Era um pregador muito admirado naquelas redondezas.

Assim que chegou, foi abordado por aquelas duas senhoras sobre o meu conteúdo. As duas queriam falar ao mesmo tempo, e eu estava sendo segurado pelas mãos de cada uma delas.

Que sufoco. Pensei: “agora vão me rasgar ...vivi tanto para acabar rasgado ?”.

Imediatamente o pregador tomou-me em suas mãos.

Que alívio. E começou a me ler silenciosamente.

Quando terminou, percebi que lágrimas desciam de seus olhos. As duas senhoras e eu ficamos curiosas. Foi aí que eu olhei melhor para seus traços, e descobri que há muitos anos conheci uma pessoa parecida com ele. E logo em seguida desisti da idéia, pois pensei que estava caducando.

Caducando? Que nada. Sou bom fisionomista.

Será que você é capaz de descobrir quem era o pregador?

Aquele marinheiro. Ele mesmo. Os cabelos estavam embranquecidos, mas seus olhos eram os mesmos. Eram os mesmos olhos cheios de alegria, como naquela manhã quando se converteu a Cristo.

Bem, eu o tinha reconhecido, mas não podia falar: “Oi como vai ? lembra de mim ?”. Pois sou um simples folheto.

Então, ele tirou um lenço bem branquinho de um dos bolsos do seu paletó, enxugou seus olhos e começou a contar a história de sua conversão para aquelas duas senhoras.

“Eu era um marinheiro, revoltado, rebelde, ingrato e desobediente aos meus pais. Saí de casa com meus dezesseis anos, e passei a viver uma vida mergulhado no pecado. Era tanta miséria espiritual, que perdi a paz com Deus. Mas sabem de uma coisa ? Meus pais me ensinaram desde pequeno as verdades de Jesus e eu as desprezei”.

“Muitos anos depois, andando pelo cais do porto, recebi este mesmo folheto. Parece que foi ontem, mas já são passados quase vinte anos. Eu o li várias vezes, e ele me levou aos pés de Cristo, pois quando amanhecia, uma nova vida também amanhecia dentro de mim. Deixei a vida de marinheiro, concluí meu curso universitário, e me coloquei à disposição de

meu Salvador para servi-lo. Hoje sou um pregador do Evangelho, e graças à misericórdia de Deus que me fez receber este pequeno folheto”.

E suas lágrimas desciam como gotas de orvalho pela sua face.

As duas senhoras ficaram emocionadas.

E diziam entre si: “um simples folheto mudou uma vida”.

Bem, modéstia à parte, não sou tão simples, pois quem me criou foi um homem, colocado à disposição de um Salvador precioso, que tantas vidas salvou por meu intermédio.

E aquele pregador continuou a falar do amor de Cristo para aquelas duas senhoras, até que o sino, anunciando o almoço, começou a tocar. E todos foram para o refeitório.

Cada dia eu tinha um quarto para ficar, ou uma varanda para ser lido, pois aquelas duas senhoras foram me emprestando para outros moradores do asilo.

Eu estava bem feliz, pois gosto de sentir as pessoas, ouvir suas opiniões, contemplar suas lágrimas e descobrir que encontraram um Salvador precioso.

Outras tantas visitas foram feitas pelo pregador naquele lar de velhos, e muitas almas encontraram-se com o Senhor Jesus, inclusive aquelas duas senhoras.

## NUM SALÃO DE BAILE

Um dia fui parar num salão de baile. É isso mesmo, num salão de baile.

Nunca estive num ambiente tão barulhento como aquele. As pessoas falavam ao mesmo tempo, e o que é pior, um cheiro forte de cigarro por toda a parte, e vocês sabem que sou alérgico.

Eu estava em uma bolsa com tantas coisas: creme, desodorante, perfume, batom... ferramentas de uso de uma jovem alta e forte. Olhando bem para dentro de seus olhos, podia descobrir uma certa tristeza. Aparentava seus vinte e dois anos.

Tive a impressão que já a conhecia, quando ela tomou-me em suas mãos. Mas não deu tempo para me fixar nela, pois guardou-me rapidamente em sua bolsa.

Mas como fui parar em sua bolsa, talvez você esteja pensando.

Pois bem. Ela estava saindo do metrô, numa de suas estações, e bem no alto da escada rolante um moço estava distribuindo folhetos. E no exato momento que ela chegou, recebeu dele este velho folheto de quatro páginas.

Logo pensei: “ela vai me jogar no lixo”.

Estava bem errado. Ela guardou-me em sua bolsa, bem no meio de tudo aquilo que já falei.

E continuou seu caminho, até encontrar-se com um rapaz, que estava com ela no baile. Os dois se divertiram bastante até boa parte da noite.

Amanhecia o domingo, quando o rapaz a levou para casa.

Seus pais estavam acostumados com a vida que levava, não se importavam com ela, pois eles mesmos viviam separados dentro do mesmo teto. Sua mãe não lhe dava carinho e seu pai raramente lhe dirigia a palavra. Que família complicada, não?

## CONVERSÕES VERDADEIRAS

Mas neste domingo, quando entrou em sua casa, começou a retirar tudo de dentro de sua bolsa, e eu, como lá estava, saí também.

Ela começou a me ler. Mas logo parou, pois assim pensou:

“Estou cansada; vou tomar um banho e depois continuo a leitura”.

E assim ela fez.

Após seu banho, reiniciou a leitura e leu-me até o fim. Bateu várias vezes o dedo sobre o mim, e pensou em voz alta: “É disto que eu preciso”. E colocou-me sobre a cômoda, onde havia um grande espelho.

Alguns dias depois, quando ela estava ausente, seu pai entrou em seu quarto, a fim de procurar um cigarro. Ah. Como ele gostava de fumar. Seus dedos eram amarelos de tanta nicotina. E aquele homem bem gordo começou a abrir suas gavetas, quando me deparou sobre a cômoda.

“Ora esta, este folheto de novo? Parece que ele me persegue”. E tomou-me em suas mãos e lembrou-se que era o mesmo folheto que deixara no bolso de sua jaqueta.

Era o grandalhão.

Como este mundo é pequeno. Desde aquele dia quando doou sua jaqueta para o lar de velhos, quase cinco meses se passaram.

E pela primeira vez leu-me por inteiro, esquecendo-se do cigarro.

E falou o mesmo que sua filha: “é disto que eu preciso”.

As palavras caíram em seu coração como a chuva cai sobre a terra árida e quente.

Rapidamente foi absorvido.

Leu-me mais uma vez. E quando estava lendo-me pela terceira vez, chegou sua filha. Ele tentou disfarçar, mas já era impossível.



---Então, disse ela. Gostou do folheto?

Ele, com poucas palavras, disse que aquilo era bobagem, e saiu de seu quarto.

Assim que ele saiu, ela começou a ler-me outra vez. E ficou pensativa, olhando pela janela, com olhar perdido e vazio.

E colocou-me sobre a cômoda novamente.

A minha mensagem caiu em seu coração, e eu fiquei bastante satisfeito.

Seu pai, entretanto, novamente entrou em seu quarto, em sua ausência, à procura de mim e novamente leu-me.

Tomou um papel e uma caneta e anotou o endereço que em mim havia. Deixou-me lá, e saiu de mansinho.

No próximo sábado, quando convidada pelo amigo para o baile, disse-lhe que não estava se sentindo bem, e foi dormir cedo. Pela manhã, saiu sem avisar sua mãe, e foi para o endereço que havia em mim.

Não demorou muito para encontrar o endereço.

Era uma igreja de tamanho regular e o culto estava iniciando.

Foi recebida por duas jovens que a levaram para um lugar não muito longe do púlpito, onde podia ver tudo o que se passava. Ela estava sem jeito, pois nunca estivera numa igreja. Sentiu vontade de sair, mas as duas jovens estavam assentadas uma de cada lado. Impossível. Assim, ajeitou-se no banco.

Começou a olhar à sua volta e quase teve um desmaio. Logo à frente, uns dois bancos, estava seu pai, o grandalhão. Ela nem podia acreditar no que estava vendo.

O culto iniciou bem alegre.

Um moço, lá na frente, dava as boas vindas aos visitantes.

E quando foi visto pela jovem, logo ela o reconheceu, pois era o que me distribuía na escada rolante.

Em seguida, uma menina de seus 14 anos, foi convidada para cantar um hino. Sua voz enchia aquela igreja. Era suave e profunda. Parecia que sua voz descia dos céus e flutuava pela nave da igreja.

O grandalhão ficou emocionado e não levou muito tempo para descobrir que era aquela menina quem colocou-me em suas mãos.

Ela mesma. Lá estava ela.

E ficou triste por ter demorado em ir aquele lugar.

Depois desta apresentação, um homem subiu à plataforma e começou a falar do amor de Cristo. Suas palavras tinham a mesma força que eu tenho, pois quando alguém me lê, fica tocado com a minha mensagem, pois já falei que o Deus Espírito Santo, através daquele homem, foi quem me criou.

Pois bem, ao terminar a mensagem, o pregador fez um convite para que qualquer pessoa que desejasse receber a Cristo permanecesse no salão. Muitas permaneceram.

O grandalhão e sua filha procuraram sair bem depressa.

Apenas a filha viu o pai.

O grandalhão, ao sair da igreja, foi para a casa de seu amigo, aquele que zombou dele, quando lhe pedia um cigarro.

Desta vez, teve a coragem de dizer-lhe que estava vindo de uma igreja evangélica e que ficara impressionado com tudo o que ouvira. E ficou um longo tempo repetindo muita coisa que se lembrara.

Mas o que mais o encantava, era a voz suave da menina.

Sua filha foi direto para casa.

Assim que chegou, tomou-me em suas mãos novamente, e começou a ler-me.

Muita coisa que ouvira da mensagem estava escrito em mim.

Foi dormir bem tarde, quando escutou os passos de seu pai entrando em casa.

## OS VISITANTES

Naquela semana, batia à sua porta três pessoas. O moço que já falei e as duas jovens que permaneceram assentadas ao lado da filha do grandalhão.

Era costume daquela igreja anotar em uma ficha o nome e o endereço das pessoas, onde havia uma pergunta , se a visita era desejada. Tanto na ficha da jovem como na do grandalhão, a resposta era “sim”.

A porta foi aberta pelo grandalhão, que sem jeito convidou para que entrassem.

Em seguida apareceu a jovem, cumprimentando as visitas. Sua mãe, como de costume, não estava em casa.

Tomando a palavra, o moço disse-lhes que a visita deles naquele domingo foi motivo de grande alegria para eles e para Deus.

O grandalhão abaixou a cabeça, pois nem imaginava que sua filha o vira na reunião.

Ela, por sua vez, esboçou um sorriso, e disse:

---Ora papai, eu estava assentada dois bancos, logo atrás. Mesmo espantado, a conversa tornou-se descontraída.

Entre muitas coisas, o grandalhão falou da menina que colocou-me em suas mãos, e sua filha disse ao moço que lá na escada rolante também recebeu-me de suas mãos.

As visitas naquela igreja se sucederam.

Semana após semana o grandalhão ia com sua filha à igreja, até que num domingo, após a mensagem, quando aquela menina cantava com sua voz divinal o hino que dizia: “A divinal mensagem avisa o pecador que Deus amou ao mundo e deu-lhe um Salvador; e quem em Jesus Cristo crer, eterna bênção há de ter”, os dois se entregaram a Jesus Cristo.

Foram à frente e se abraçaram, confessando a Jesus Cristo como único e verdadeiro Salvador.

O lar do grandalhão e sua filha era outro.

Sabiam da resistência e da zombaria de sua mãe, mas isto não importava. Agora eles desejavam testemunhar para ela a mudança operada em suas vidas

E graças a mim, um folheto de quatro páginas.

## ENCONTRADO NUM LIXÃO

Minhas experiências são muitas.

Ao longo de minha existência, ora, existência é força de expressão, pois você já me conhece muito bem e sabe que sou um folheto de quatro páginas.

Estava chegando o Natal e fazia um calor intenso.

Já lhe falei que sou alérgico por nicotina e por papel velho, isto é, bem mais velho do que eu. Mas sou alérgico, também, por lixo, entulho, coisas que os outros jogam por não mais servirem.

Creio que você já desconfiou onde fui parar: numa montanha de lixo, num terreno baldio.

Pobre de mim. Estava no meio de muitas caixas e papéis de presentes, todos com figuras de Papai-Noel.

E eu estava numa caixa pequena, metade do lado de dentro, a outra, do lado de fora. E a caixa estava com a tampa, bem fechada. Minha posição era desconfortável, e eu estava temeroso que chovesse, pois assim seria molhado só na outra metade que estava do lado de fora da caixa.

Penso que se passaram vários dias, que para mim representaram uma eternidade.

Certo dia escutei vozes de crianças.

Duas delas estavam disputando a posse da caixinha onde eu estava, quando a mesma foi aberta. Neste exato momento aproximou-se um velho, que logo descobri ser o avô daqueles meninos.

Tomou em suas mãos a caixinha vermelha, quando se deparou comigo. E voltando-se para os meninos, disse-lhes:

---Bem ali do outro lado, vovô viu outra caixinha igual a esta, portanto, cada um vai ficar com uma, e eu vou ficar com este folheto; imediatamente guardou-me no bolso e a discussão entre os dois meninos cessou.

Descobri que eram bem pobres, pois estavam naquele lugar à procura de papéis velhos para serem vendidos.

No final do dia, os três voltavam para casa, cada um com um fardo sobre as costas. O do velho era bem maior do que o das duas crianças. Colocaram os fardos num quarto ao lado da casinha, enquanto os meninos guardavam suas caixinhas vermelhas enfeitadas com as figuras de Papai Noel.

Há muitos anos sua única filha morreu de tuberculose; seu genro abandonou as duas crianças e desapareceu.

Portanto, ao velho, um viúvo com seus 68 anos de idade, cabia o cuidado dos dois meninos, um com 12 e outro com 10 anos de idade.

Nesse dia, o velho estava muito cansado e foi para seu quarto mais cedo que de costume.

Era um quarto sombrio e triste, com uma lâmpada bem fraquinha. Acima de sua cama havia um quadro com os dizeres do Salmo 23: “O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará”.

Em tempos passados fora um crente verdadeiro, mas a companhia de maus amigos o afastou da senda da cruz.

Começou a perder o interesse pelas coisas do Senhor, e abandonou a vida de fé. Sua esposa, ainda viva, nutria um desgosto muito profundo, pois até sua morte foi fiel ao Senhor Jesus Cristo.

O velho, longe do Senhor Jesus, ia de mal a pior, até que sua filha veio a morrer, após longo sofrimento.

Perdera há muito o hábito de ler sua Bíblia, embora a mesma se encontrasse sobre um pequeno móvel em seu quarto.

No dia seguinte, encontrou-me em seu bolso, e começou a ler-me.

Percebi que “comia” minhas palavras. Minha mensagem para ele parecia ser a mais fina iguaria de um banquete. Seus olhos reluziam. E quando terminou de ler-me, sorria e ao mesmo tempo soluçava.

Olhou para o quadro em seu quarto, e leu em voz alta aquele versículo do Salmo 23.

Percebi que minha mensagem lhe fizera muito bem, pois tomou a Bíblia em suas mãos, o que há muito não fazia, passando a conferir as citações que estavam em mim. E assim ficou por mais de uma hora.

Era outra pessoa.

Tornou-se mais amável com os netos, e estes notaram a mudança operada em sua vida.

Algumas semanas depois, foi visitar uma igreja próxima à sua casa, levando os netinhos que gostaram bastante da Escola Dominical.

O velho, entretanto, não largava sua Bíblia, e muito menos a mim. Onde levava sua Bíblia, levava-me também. E a todos dizia que jamais deixaria os caminhos do Senhor Jesus.

Seus netos cresceram aprendendo muitas lições sobre a vida de Jesus, tornando-se os melhores alunos da Escola Dominical.

## A VISITA INESPERADA

Amanhecia. Aquele seria um dia cheio de sol e de alegria.

Era o dia de Natal.

Assim que levantaram, ouviram uma batida forte na porta. Era tão difícil aparecer uma visita, mas como era dia de Natal ,quem sabe.

Não era o Papai Noel.

Era um homem de seus quarenta e sete anos, roupas surradas, mãos tão grandes como seu tamanho.

Assim que a porta foi aberta, desejou-lhes um feliz Natal. As crianças não estavam compreendendo a situação. Para elas não passava de um estranho, mas para o velho, não.

Era o pai fujão.

Depois de muitos anos, voltou.

Assim que se apresentou às crianças, entregou-lhes os presentes que comprara: um lindo par de tênis para cada um.

Entre muitas coisas que falou, disse-lhes que errara muito em abandoná-los, mas que agora pretendia ficar com eles. Os caminhos errados, o vício, os maus amigos contribuíram para sua infelicidade, mas agora pretendia mudar de vida.

Conversaram até a hora de dormir.

As crianças estavam contentes. Parecia mais um sonho, pois a felicidade era tamanha.

À noite, o velho foi para uma reunião de oração na casa de uma família, não muito distante dali. E para que seu genro descansasse, improvisou uma cama em seu quarto.

Ao sair, o deixou descansando.

Para a reunião, o velho levou apenas sua Bíblia, deixando-me sobre a cômoda.



Mais do que depressa, fui tomado pelas mãos daquele homem.

Mal começara a ler-me, falou em voz alta:

“ora já vi este folheto em algum lugar... mas onde ? ... nunca fui a uma igreja ?”.

E ficou pensativo por alguns instantes.

Um grande número de amigos veio-lhe à mente, mas todos detestavam as coisas da religião... lembrou de colegas de trabalho, colegas da jogatina, mas nada.

Assim, completou a minha leitura. Mas continuou se martirizando tentando lembrar onde e com quem estava quando me tomou em suas mãos.

E logo se lembrou.

Estava com o Grandalhão , sim com o Grandalhão, quando lhe pedia um cigarro.

“ este folheto caiu de seu bolso, eu o apanhei e dei uma grande gargalhada”...

Sim estava com o Grandalhão.

“Por onde andaré o Grandalhão ? Talvez tenha morrido...Ah. que saudades do velho amigo...”

## À PROCURA DA CASA DO GRANDALHÃO

Mal conseguira dormir. A figura do amigo não saía de sua cabeça. Precisava encontrá-lo.

E foi assim que fez.

Bem cedinho, falou às crianças se gostariam de passear com ele, pois desejava visitar um amigo de muitos anos.

Não foi fácil. Depois de muitas horas, chegaram à rua onde morava o grandalhão.

Descobriram sua casa e bateram à porta. Saiu uma senhora de seus sessenta anos informando que a pessoa procurada não mais morava naquela casa. Disse-lhes que aquele homem estava morando há duas quadras daquela rua, numa casa alaranjada.

---Perguntem sobre o pregador, pois é assim que o conhecem.

Pregador, pensou ele. Deve ser engano. O Grandalhão tinha raiva de crentes, de igreja... Mas quem sabe?.

E foi para aquela rua, perguntando sobre um tal Pregador para um grupo de crianças.

E não foi difícil. Elas disseram que era o melhor homem daquela rua.

---Sabem, disseram as crianças:

---Esta rua ,desde que o Pregador se converteu com sua filha, tem se transformado num lugar de muita alegria. Eles falam do amor de Cristo a todos nós, aos domingos. E nossos pais não perdem uma reunião.

Para aquele homem isto não passava de engano.

O Grandalhão ? Um pregador ?, pensava ele.

E assim foi levado pelo grupo de crianças à sua casa, uma casa cor-de-laranja.

Quando saiu à porta, notou que era ele mesmo.

Continuava bem gordo. Seus cabelos agora eram totalmente brancos. Mas seus olhos transmitiam algo que nunca vira no Grandalhão: olhos de paz, alegria, de vida...

Era ele mesmo, sim, lá estava ele.

Quando o grandalhão o viu, logo o reconheceu. E com um abraço bem forte, o levou para sala.

Velhas recordações foram lembradas por seu amigo, como noites de farra, mulheres, jogatinas, bebidas...

O grandalhão, que ficara calado o tempo todo, apenas recordou o dia que eu caíra de seu bolso.

Lembra-se daquele dia? Você zombou de mim, chamando-me de cristão. E eu também zombei o mais que pude.

Pois bem, hoje pela graça do Senhor Jesus sou um cristão.

E contou-lhe que eu mudara sua vida... um folheto de quatro páginas. Contou-lhe que encontrou-se com o Senhor Jesus, e que ele transformou sua vida e a vida de sua filha.

Ah. ia me esquecendo de dizer-lhe que ela está casada, e casada com o moço que lhe entregou o mesmo folheto.

E bem contente, continuou contando a história de sua conversão, e lamentando o fato de sua mulher ter morrido sem aceitar o Senhor Jesus como Salvador.

Nesta altura, um fio de lágrima desceu pela face do grandalhão, mostrando ao seu amigo os perigos de uma rejeição ao convite do Senhor Jesus.

---Então foi aquele folheto... balbuciou seu amigo.

E voltando-se para o grandalhão, disse: já lhe contei a triste história da minha vida. E como voltei para a casa de meu sogro.

Mas o mais interessante é que lá chegando encontrei o mesmo folheto.

Olha ele aqui.

E entregando-me para o grandalhão, este aproveitou a oportunidade para falar-lhe novamente do amor de Deus.

Muitas outras visitas foram feitas. Ora na casa do grandalhão, ora na casa de seu sogro. E em cada uma mais se falava do amor de Cristo.

Não demorou muitos meses quando o velho amigo do grandalhão aceitou a Jesus como seu Salvador. Estavam todos na casa do velho. Aquele humilde lugar transformou-se num pedaço do céu e a alegria era tanta, tal qual aquela que acontece no céu quando um pecador se arrepende.

## NUM QUARTO DE HOSPITAL

Tenho também muitas histórias nos hospitais.

É o lugar onde moram o sofrimento e a tristeza e onde muitas lágrimas são derramadas.

Lembro-me de um versículo que meu criador sempre comentava: “Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete, pois naquela se vê o fim de todos os homens; e os vivos que o tomem em consideração”.

E eu tenho visto bem de perto o fim de muitas pessoas.

Certa ocasião fui parar num quarto de hospital.

Fiquei assustado com tanta dor, e logo descobri que se tratava de uma mulher com pouco mais de trinta anos de idade. Em outros tempos fora uma mulher muito bonita, mas o câncer levava toda a sua beleza. Seu corpo parecia afundar-se na cama, e na face envelhecida pela dor, sobressaíam seus grandes olhos molhados pelas lágrimas.

Lá fiquei muito tempo.

Enquanto ela não se atraía por mim, eu estava atraído por ela. Queria saber mais de sua vida.

E não me foi difícil, pois não demorou em receber uma visita.

Era um jovem bem simpático acompanhado de sua esposa.

Quando entraram naquele quarto, logo os reconheci.

Era a filha do grandalhão, lembra-se? e seu jovem esposo, o mesmo que naquele dia, na escada rolante, entregou-me para ela quando ia aquele baile.

Eles serviam a Cristo nos hospitais, levando o bálsamo da palavra de Deus aos corações dos enfermos.

Quanta a mim fui colocado sobre uma mesinha uns dias antes, enquanto aquela senhora dormia, e lá fiquei esse tempo todo, ora

contemplando-a dormindo, ora chorando, ora gritando, até que este amável casal chegou.

Seguraram com firmeza aquelas mãos tão magras, e num sorriso perguntaram sobre sua saúde.

A mulher, enxugando as lágrimas, disse-lhes que estava muito difícil sair daquela situação. As dores aumentavam dia após dia, e não via qualquer sinal de cura.

E eu, daquela mesinha, escutava tudo, bem silencioso... bem, isto é impossível, pois você já me conhece e sabe que não escuto e nem falo, pois sou um folheto de quatro páginas.

Pois bem, descobri que aquela não era a primeira visita do casal.

Pela conversa que se seguiu, muitas outras visitas foram feitas àquela mulher. Eles perguntaram sobre seus filhos, sobre seu marido, sobre os medicamentos que estava recebendo, sobre a atenção das enfermeiras, assuntos tais que visavam um assunto melhor: o amor de Jesus Cristo.

Nesta altura, a filha do grandalhão olhou-me detidamente. Seu olhar me assustou. Pensei que fizera algo de errado, mas que nada, o que pode fazer de errado um folheto? Isto era coisa da minha cabeça.

O olhar da filha do grandalhão era de surpresa mesmo. Pois fora eu quem lhe abria os olhos para contemplar o amor de Cristo.

E assim, imediatamente tomou-me em suas mãos, como uma jóia preciosa, com medo de ser quebrada.

Fiquei todo lisonjeado.

A conversa fora interrompida, diante da descoberta sobre mim, naquela cômoda. Nem seu marido, nem a mulher sabiam o que estava se passando.

Foi quando a filha do grandalhão deu um grito de alegria.

“Vejam só o que achei. E mostrou-me para seu marido:

---Este folheto que me levou a Cristo . Que recebi de suas mãos. Louvado seja Deus por esta descoberta, pois há muito não o via.

A enferma levantou a cabeça do travesseiro e mostrou-se surpresa diante de tanta alegria.

---Mas é um simples folheto ...

---Não me causou curiosidade em lê-lo desde o dia em que, ao acordar, o encontrei debaixo deste copo...

---O que ele pode fazer por mim ? Pode tirar minha dor ? Pode levar-me de volta ao meu lar? Posso ter o convívio com meu esposo e meus filhos ?

E soluçando, começou a chorar silenciosamente.

Rebeca, a filha do grandalhão, vendo tanta dor, começou a afagar as mãos da mulher, perguntando-lhe se gostaria de ouvir a mensagem que eu trazia.

---Asseguro-lhe que a senhora vai gostar. Vou lê-lo bem devagar. Ao que consentiu a pobre mulher.

E assim , Rebeca leu-me.

Ao terminar, percebeu Rebeca que a mulher dormia.

E depois de alguns minutos, a mulher pediu que me lesse novamente. Foi aí que Rebeca descobriu que ela não estivera dormindo. Esta pensando com os olhos fechados. E Rebeca tornou a ler-me novamente.

Ao terminar a segunda leitura, falou de sua conversão, como recebera a Cristo como Salvador, como seu pai, o grandalhão também se tornara um cristão. Como os seus vizinhos se converteram a Cristo, e foi contando muitas outras experiências.

Pouco antes do horário da visita terminar, aquele casal ajoelhou-se ao lado da cama, e numa oração comovente feita por seu marido, intercedeu em favor da enferma, para que seu coração fosse aberto para receber a Salvação oferecida por Cristo.

No dia seguinte, a enferma leu-me novamente.

Desta vez queria descobrir por si o poder de minhas palavras. E lia com o coração. E como aprecio quando me lêem desse jeito. E eu sou sensível para perceber estas coisas.

As dores eram intensas. Para “matar” a saudade dos filhinhos, guardava uma foto deles bem ao meu lado.

Quando seu marido vinha visitá-la, trazia-lhe cartas dos pequenos, que imediatamente eram lidas por ela. Como gostava de lê-las..

Entretanto, chegando o dia de ser visitada, ao avistar seu marido entrando pelo quarto, não mostrou interesse pelas cartas das crianças, que trazia como um troféu em suas mãos.

---Ora, o que está acontecendo com você ? perguntou-lhe o marido.

---Mal entro neste quarto, quer saber das cartas das crianças, e hoje, nada...Está cansada ? Perdeu o interesse pelas cartas?

---Não , respondeu-lhe a mulher.

---Quero, sim ler as cartas para saber como elas estão.

Devo lhe dizer que há dias estou lendo isto: e me tomou em suas mãos, entregando-me para seu marido.

---Então isto é mais importante que as cartas que te mandaram ?,

---Ora, continuou ele, isto não passa de um folheto. Coisas de religião, de fanáticos.

E aquela mulher contou o que sentira ao ler a minha mensagem. Que uma verdadeira esperança começou a brotar em seu coração, pois aquela leitura a fazia suportar as dores intensas.

Contou-lhe do sofrimento de Jesus, a cruz, a coroa de espinhos, os cravos sobre suas mãos e pés. Contou-lhe que ao terceiro dia ressurgiu dentre os mortos e que está vivo nos céus, e que hoje deseja salvar a todos os que o confessam como Salvador.

Seu marido, que ainda segurava em suas mãos as cartas enviadas pelas crianças, ficou surpreso.



---Vejo que este folheto virou sua cabeça. Há algumas semanas, seus gritos contra Deus eram intensos, culpando-o por tanto sofrimento. E agora, parece-me que suas dores desapareceram.

Neste instante, Rebeca e seu marido chegaram para a visita.

---Então, como tem passado desde a nossa última visita ?

Mais do que depressa a mulher respondeu:

---Este folheto também abriu os meus olhos e eu pude ver o Senhor Jesus estendendo sua mão para me salvar. Encontrei nele um Salvador Eterno e agora minha vida está em suas mãos.

O marido da enferma estava emudecido.

O casal missionário tomou as mãos da enferma, e em gratidão louvou ao Senhor pela obra do Calvário, e pela primeira vez os dois viram na mulher um semblante banhado pela paz de Jesus.

Enquanto a mulher lia as cartas escritas por seus filhos, Rebeca e seu marido falavam do poder de Jesus e seu amor maravilhoso àquele homem. Ele não podia entender quase nada, mas uma coisa não podia negar. Embora enferma, sua mulher desfrutava da mais profunda paz.

## DENTRO DE UM AVIÃO

Tenho muito medo de altura. Creio que por ser um folheto, corro muitos perigos. Posso sair voando, embora não tenha asas, e cair no mar.

Bem, com todo este tamanho medo, fui parar num avião. Sim, num avião bem grande, com poltronas confortáveis, ao lado de pessoas importantes. Estava bem encolhido num bolso de paletó, ao lado de um lenço bastante perfumado. Por certo alguém me entregou no aeroporto.

Após acomodar-se na poltrona, aquele homem tirou-me do bolso e fez um gesto como quem ia me amassar. Fiquei com medo e pensei...pensar é modo de dizer:

“Com medo de altura, agora vou morrer amassado. Que morte horrível”.

Mas felizmente isto não aconteceu. Olhou-me com pouco caso e isto para mim era uma ofensa, deu uma rápida olhada dentro de mim, e guardou-me novamente. Não em seu bolso, mas numa pequena pasta preta. Lá estava eu tão importante, no meio de talões de cheques, ao lado de uma caneta dourada, tão reluzente, que parecia de ouro.

E aí, tornei a me preocupar. Não me censurem, pois tudo isto são coisas de gente velha.

“E se roubassem aquela pasta? Pensei eu...ficassem com a caneta, os talões de cheques e me jogassem ao mar?”

Seja como for, não tinha outro jeito. De lá não podia sair.

Algum tempo depois, percebi que estava fora do avião, pois o barulho ao meu redor era intenso. Ouvia...bem ouvir mesmo não ouvia, vocês entendem, não? ...buzinas de automóveis, sirenes de ambulâncias, e não foi difícil descobrir que estava num taxi.

## NUMA MANSÃO MARAVILHOSA

Todo aquele alvoroço cessou.

Ouvi vozes, cumprimentos, abraços, beijos e crianças pedindo presentes. A pasta em que eu estava foi colocada sobre uma mesa e em seguida foi aberta.

Quase caí de costas. Bem, isto seria impossível, vocês entendem, não.

Estava numa casa tão grande e bonita. Luzes por toda a parte e criados carregando grandes malas. Quatro crianças faziam a festa e uma elegante senhora, ricamente vestida, abraçada com seu marido que acabara de chegar.

Eu estava bem pertinho da caneta dourada. E como sou curioso, fiquei prestando atenção em toda a conversa.

Aquele homem se chamava Daniel e era um próspero fabricante de peças para automóveis. Estava vindo de Hong Kong, quando numa escala em Brasília, fui parar em seu bolso.

Ele passou a descrever os detalhes da viagem para sua esposa, os costumes daqueles povos, os negócios realizados, e assim, uma euforia contagiante podia ser lida em seus olhos.

E eu, permanecia naquela pasta junto à caneta dourada. Já estava ficando cansado em ouvir tantas notícias. Parecia mais um tele-jornal !

A pasta preta permaneceu aberta a noite toda.

No dia seguinte, após um gostoso café, Daniel fechou-a, saindo para sua fábrica, dirigindo um automóvel importado. Que luxo !

## NUM CONFORTÁVEL ESCRITÓRIO

Percebi que tínhamos chegado em algum lugar.

Abriu sua pasta, e aí vi que estava em seu escritório, uma ampla sala bem decorada, com móveis de fino gosto .

Tirou os talões de cheques, a caneta dourada...e quando seus dedos chegaram perto de mim, quase desmaiei.

Já perceberam como sou exagerado?. Bem, pensei, agora vou para o lixo. Do cesto não escapo. Mas para meu alívio, relaxou-se na grande cadeira marrom, e começou a me ler. Lia-me com muita atenção, embora o fizesse bem rápido. Terminada a leitura, guardou-me em sua gaveta.

Logo pensei: “vou ser comido pelas traças” , mas de pronto abandonei meu pessimismo, pois num escritório tão luxuoso não podem existir traças. Este pensamento deixou-me feliz.

Embora muito rico, Daniel era um homem infeliz.

Seu avô, já falecido, foi fiel ao Senhor Jesus até à morte. E Daniel levava o nome de seu avô.

Quando menino, gostava de ouvir as histórias da Bíblia. A que mais apreciava era Daniel na cova dos leões.

Depois da morte de seu avô, já um rapaz de seus dezessete anos, nunca mais se interessou pelas histórias da Bíblia.

Neste dia, quando acabara de ler-me, tais recordações vieram à sua mente.

“Como meu avô era um homem feliz. Quando falava do amor de Cristo seus olhos reluziam”.

E ficou por um bom tempo recordando a vida de seu avô. Abriu novamente a gaveta, tirou-me de lá, e começou a ler-me novamente.

E pensou em voz alta : “por que não posso ser feliz como meu avô?”.

Sobre a mesa de Daniel havia uma correspondência volumosa, pois na sua ausência foram se acumulando. Deixara ordens para sua secretária, no sentido de que somente a correspondência comercial fosse aberta. As demais deveriam aguardar a sua chegada.

Entre essa correspondência, uma chamou a sua atenção. Destacava-se no envelope os dizeres: “UMA VIDA VITORIOSA” .

Abriu bem depressa e descobriu que se tratava de um convite para uma palestra dirigida a homens de negócios.

Pelo conteúdo da correspondência, descobriu tratar-se de uma conferência evangélica. Seria realizada dois dias depois, num hotel não muito distante de sua fábrica.

Sem demora, pediu à sua secretária que reservasse um lugar.

Ao voltar para casa, à noitinha, abriu sua gaveta e colocou-me de novo em sua pasta. Lá estava eu de novo perto da caneta dourada, ao lado dos talões de cheques.

## FALANDO DE MIM PARA A ESPOSA

Uma vez em casa, após o jantar, convidou sua esposa para conversarem na biblioteca. A mulher estranhou, pois Daniel não perdia as notícias na televisão.

---Ora, disse ela, não vai assistir as notícias ?.

---Mais tarde, quem sabe.

Voltando-se para sua esposa, contou-lhe que boa parte do dia vieram à sua mente muitas recordações de seu avô. Como era um homem feliz, alegre. Vivia cantando os hinos da igreja...E bem aí, sua esposa o interrompeu:

---Mas voce é uma pessoa feliz...só não canta hinos de igreja, mas canta outras canções.

---Bem, respondeu ele :

---É uma alegria com fundo falso. Não há nada como a alegria de meu avô. Ele conhecia a fonte da verdadeira alegria.

E abrindo sua pasta, mostrou-me para sua esposa.

--- Veja só o que me deram numa das escalas do avião.

---Ora, respondeu ela, --- sempre soube que as aeromoças oferecem revistas...mas folhetos...?

---Não, querida, não foram as aeromoças, mas um senhor de seus 30 anos, no saguão do aeroporto.

Este folheto trouxe à minha lembrança gratas recordações da vida de fé de meu avô.

---Ah ia me esquecendo de lhe dizer que depois de amanhã vou ouvir uma palestra para homens de negócios, uma palestra cristã. Não gostaria de ir comigo ?

---Estarei muito ocupada neste dia. Nesta mesma hora tenho um encontro com minhas amigas, aquele encontro que fazemos todos os meses para um bate papo informal. E prosseguiu :

---Quem sabe numa outra palestra irei com você.

## OUVINDO A PALESTRA

Daniel foi um dos primeiros a chegar.

Trazia sua pasta preta, onde voltou a me colocar.

Além dos meus conhecidos: a caneta dourada, os talões de cheques, ganhei mais um: o convite para a palestra.

Abrindo sua pasta, tomou em suas mãos o convite para descobrir o número de sua mesa.

Era uma mesa bem grande com capacidade para doze pessoas.

Lá chegando, colocou-me sobre a mesa ao lado do convite.

Algumas pessoas circulavam pelo vasto salão, ora ajustando o som dos microfones, ora testando os aparelhos.

Alguns minutos depois, notou que um casal se aproximava de sua mesa. Assim que tomaram os seus lugares, cumprimentaram a Daniel, que retribui polidamente.

Não demorou muito para estabelecer um diálogo.

Daniel descobriu que se tratava de um casal de crentes, os quais por sua vez convidaram um amigo para ouvir a palestra.

Não tardou muito, o convidado chegou e também assentou-se à mesa. As apresentações foram feitas e um bate papo cordial teve seu início.

Eu sei de todos esses detalhes, pois como já falei, estava sobre a mesa. Via tudo!

O casal que acabara de chegar era Rebeca e seu marido, lembram-se? E o convidado era o marido daquela senhora convertida no hospital.

Não gosto de dar notícias tristes, mas deixa-me falar que aquela senhora faleceu alguns dias depois. Uma coisa tenho certeza e por outro lado fico contente, pois aquela senhora descansou com Cristo.

Seu marido passou a ser evangelizado pelo casal e a palestra fazia parte deste trabalho tão abençoado.



A conversa estava animada. Faltavam quinze minutos para o início da palestra e o salão estava quase lotado.

De repente, Rebeca olhou sobre a mesa, e adivinhem quem ela viu: nada mais nada menos do que eu. Eu mesmo, ao lado do convite de Daniel.

---Onde ganhou este folheto? , perguntou Rebeca.

---Bem , respondeu Daniel, é uma longa história. E passou a contar todos os detalhes que vocês já sabem.

E Rebeca, em poucas palavras, também falou sobre mim, e como minha mensagem a levou a conhecer a Jesus como seu Salvador.

Quando o relógio marcava oito horas, um homem subiu à plataforma e deu as boas vindas aos presentes. Todos ficaram em pé, ao som de um hino cantado por um conjunto coral.

Daniel estava bem contente.

Em seguida, foi apresentado o pregador. Um homem bem alto, gordo, sorridente, que trazia junto de seu peito uma enorme Bíblia.

Daniel pensou: “que grandalhão”. E era o grandalhão, lembra-se ? Desculpe-me pois ainda não lhe falei seu nome. Chamava-se Laurindo.

Assim que foi apresentado aos presentes, Rebeca, sua filha, contou a Daniel e ao seu convidado que aquele homem era seu pai.

Antes da mensagem, algumas pessoas foram convidadas para testemunharem sobre sua conversão.

Entre elas, havia um homem pouco mais velho que Daniel, muito alegre, com um sorriso bem largo. Assim que começou a falar, Daniel reconheceu-o. Tratava-se de um importador de bens de consumo, com o qual mantivera algum negócio no passado. Naquela época, não apreciou sua conduta profissional.

E Daniel pensou: “quem sabe agora ele se converteu...”

O que ouviu foi o suficiente para mostrar-lhe que realmente aquele homem era uma nova criatura.

Laurindo falou sobre uma vida vitoriosa. E usou como exemplo a vida do profeta Daniel. Suas tristezas em meio a uma grande pressão, as perseguições e as vitórias acumuladas. Levou os presentes a se colocarem junto dele na cova dos leões, mostrando-lhes que uma vida vitoriosa nada teme, especialmente quando confiada nas providências divinas.

Contou sobre sua conversão, suas derrotas longe de Cristo, mas que graças a mim, lendo-me com medo de ser visto por seus familiares, por sua filha, teve seus olhos abertos para Jesus.

E Daniel, assentado naquela cadeira, acompanhava com profundo interesse a mensagem do grandalhão. Da mesma forma, o convidado de Rebeca.

A palestra estava terminando. O conjunto cantou o último hino, e com uma oração deu-se seu encerramento.

Em direção à mesa onde se encontravam, aproximaram-se o grandalhão e aquele homem que falou sobre sua conversão. Após as apresentações por Rebeca, Daniel, dirigindo -se àquele homem, disse:

---Já o conheço. Algum tempo atrás fizemos alguns negócios...

E não foi muito custoso para Magalhães, que era seu nome, recordar-se de Daniel.

Todos estavam radiantes naquela mesa. Laurindo, sua filha e seu marido, que se chamava Marcos e o viúvo, por nome de Domingos.

Daniel, entretanto, conversava com o grandalhão. Suas palavras transmitiam uma mensagem de entusiasmo, via nele um homem vitorioso.

Não perceberam que o salão estava quase vazio. Sómente eles conversavam com entusiasmo, até que Daniel os convidou para uma visita em sua casa, ao que todos concordaram.

Tomando-me na mão, pois estava sobre a mesa o tempo todo, colocou-me em seu bolso, despedindo-se dos demais.

Daniel estava radiante.

## UMA NOVA VIDA

Ao chegar em casa, após tirar-me do bolso, contou à sua esposa todos os detalhes da palestra. Os novos conhecidos, Rebeca e Marcos, Domingos, um antigo conhecido por nome Magalhães, mas o que mais o deteve, foi Laurindo, sua vida vitoriosa, a mensagem tão maravilhosa...

Nesta altura foi interrompido por sua esposa :

---Querido, já estou curiosa em conhecer essas pessoas...será que há uma outra palestra ?

---Devo lhe dizer, respondeu ele, que na próxima semana todos estarão em nossa casa para um jantar, e tenho certeza que você terá a mesma impressão que a minha.

Mostrando-se satisfeita, Sueli, sua esposa, disse-lhe que logo escolheria o cardápio para o jantar, dando instruções à cozinheira.

E olhando para mim, que estava sobre a mesa, tomou-me em suas mãos, lendo-me pela primeira vez. Percebi que me lera rapidamente, mas leu-me até minha última palavra.

O dia do jantar chegou.

Os convidados foram recebidos por Daniel e Sueli, e prontamente introduzidos numa ampla sala, onde eu estava sobre uma pequena mesa.

Laurindo acomodou-se numa poltrona, sozinho, devido o seu tamanho. Os demais, juntos, em diversas poltronas.

O ambiente era agradável.

Falaram de assuntos triviais, do tempo, da política, até que Sueli, dirigindo-se ao grandalhão, falou-lhe da impressão causada em seu marido, ao que ele deu uma gostosa gargalhada .

---Um grandalhão desajeitado como eu ? Velho ?

---Se é desajeitado, não sei, mas a mensagem daquela noite ficou bem ajeitada no coração de Daniel. E o senhor falou de seu amigo predileto - o profeta Daniel !

Laurindo, voltando-se para Sueli, disse-lhe:

---Alguns anos atrás eu causava outra impressão. Era violento, maldoso, um coração cheio de ódio, até que Deus mostrou-me que aquele coração deveria ser mudado por um de carne. E foi isto que aconteceu, Sueli. O sangue precioso de Jesus purificou-me de todo o meu pecado e hoje sou nova criatura, sou um filho de Deus.

Nesta altura, a criada informou que o jantar seria servido. E a conversa continuou durante o jantar.

Aquele dia marcou profundamente a vida de Daniel e Sueli, como um divisor de águas.

Outros jantares foram oferecidos.

Daniel e Sueli passaram a ler a Bíblia junto com seus quatro filhos.

E eu, este simples folheto, sempre estava presente.

Pude ver a transformação que estava sendo provocada naqueles corações, até o dia... ah... que dia foi aquele, no qual eles se renderam ao Senhor Jesus Cristo. Uma nova vida passou a bater naqueles corações. Era o amor de Cristo que dominava aquelas vidas.

E graças a mim, um simples folheto de quatro páginas, que os levou a conhecer um Salvador magnífico.

## EM PLENA PRAIA

Fui colocado sobre uma pedra de tamanho médio próximo à praia. Como fazia um vento forte, para não ser levado, fiquei sob uma pequena pedra. As minhas bordas, entretanto, ficaram esvoaçando.

Não posso dizer quem me colocou nesta pedra, mas uma pequena oração ouvi antes de ser colocado, que dizia mais ou menos assim :

“Senhor, vou deixar este folheto nesta pedra. Que ele possa ser uma bênção na vida de alguém no mais profundo desespero. Em nome de Jesus, amém.”

Poucas pessoas se encontravam naquele lugar. Uma ou outra passavam bem depressa encolhidas em seus abrigos.

Bem ao longe havia uma ponte de madeira, secular, onde circulavam veículos. Ao lado havia uma passarela para pedestres.

Nos dias ensolarados muitas pessoas ficavam debruçadas em sua amurada contemplando o mar todo azul. Nestes dias a disputa por um lugar era grande.

Apenas uma pessoa se apoiava sobre a ponte de madeira, pois o frio era intenso. Era um moço de apenas vinte e cinco anos de idade. Chamava-se Henrique.

Tristonho, olhava o mar com um olhar perdido e vazio. Parecia cansado.

Henrique trabalhava com seu pai, um fazendeiro, na criação de gado. Naquele dia pela manhã desentendeu-se com seu pai. E a discussão prosseguiu quase por uma hora, até que Henrique desferiu-lhe um tamanho soco em seu rosto, deixando seu pai prostrado junto ao solo.

Temeroso pela reação dos demais irmãos, resolveu fugir de casa.

Estes eram seus pensamentos sobre aquela ponte:

“Um filho que bate no pai não pode ser perdoado...” como fui fazer isso com meu pai...”

E tocado pelo remorso, não via qualquer solução para seu mal.

Lembrou-se de sua infância, da escolinha rural onde aprendia religião, dos ensinamentos da professora e sobretudo do dever de respeito aos pais.

Uma tamanha tristeza invadiu o coração de Henrique. Só uma coisa lhe restava: dar um fim à sua vida. Não podia mais viver carregando no seu peito tanta dor.

O barulho do mar misturava-se com o barulho de seus pensamentos. A imagem do pai não lhe saía da cabeça. O sangue escorrendo pela sua boca era a visão mais terrível que trazia.

“Um filho assim não merece viver...não merece viver...não merece viver...”

De onde se encontrava, avistou ao longe alguma coisa esvoaçando. E seu olhar fixou-se no estranho objeto.

“O que será aquilo ? Parece uma folha de papel. Mas quem a colocou naquele lugar? Por certo brincadeira de criança”

Mas não havia ninguém por perto.

Uma atração irresistível começou a despertar a curiosidade de Henrique, que começou a andar naquela direção. Andou bastante e na medida que se aproximava, o estranho objeto começava a esboçar sua forma. Sim, era um pedaço de papel sob uma pedra.

Tomou-me em suas mãos e sentou-se sobre a grande pedra.

Eu estava morrendo de frio. Precisava de um bolso bem quentinho, como aquele quarto no asilo de velhos, lembra-se ?

Henrique tomou-me em suas mãos e começou a ler-me.

Pelo prazer e alegria que produziu nas pessoas, aquele frio podia ser suportado por mais um pouco. Especialmente sendo lido por um moço tão sequioso por minha mensagem.

E ele não se importava com o vento forte. Minhas palavras eram bebidas por ele como o chá mais delicioso e fumegante.

Eu estava bem defronte dos seus olhos e pude perceber o efeito de minha mensagem. Seu olhar não se voltava, perdido, para o mar, mas para dentro de mim. Era um olhar à procura de um conselho, de uma voz amiga que lhe abraçasse, de alguém afagando os seus cabelos, tomando-lhe nos braços e dizendo-lhe:

“Eu te amo...eu te perdoo...pra que tantos pensamentos tolos...pra que pensar em tirar a sua vida...ela é preciosa para Deus...”

Não tinha qualquer dúvida, pois minha mensagem tem este poder. Ela aponta para a obra de Jesus lá no Calvário e mostra a solução para o pecado do homem.

Quantas vidas já foram transformadas pelo conteúdo de minha mensagem.

Henrique tornou a ler-me. E cada leitura que fazia tinha o efeito de um sabonete: ficava mais reluzente. Seus olhos brilhavam mais. Uma alegria esboçava-se em seu rosto.

Os pensamentos de suicídio atirando-se ao mar daquela ponte foram esquecidos, pois minha mensagem dizia que há um Pai que perdoa todo aquele que recebe a Cristo como Salvador.

Descobriu que o seu pecado agredindo seu pai, uma vez confessado a Cristo, poderia ser perdoado.

Cheguei em boa hora às mãos daquele rapaz. Mas não foi por acaso. Nos planos de Deus não existem coincidências.

A oração daquela pessoa foi atendida. Deus usou-me para salvar a vida de Henrique.

Naquele mesmo lugar ele confessou a Cristo como Salvador. Sem saber orar, com suas palavras simples, ele falou:

“Obrigado Senhor. Eu desejo aceitar a Jesus como Salvador pessoal. Preciso de forças para voltar à minha casa...preciso de coragem para enfrentar meu pai...”

E resoluto tomou a direção de casa à procura do perdão de seu pai.





## MINHAS DESPEDIDAS

Estas são as minhas histórias.

Espero não ter cansado o meu prezado leitor que tão bondosamente teve muita paciência para comigo.

Um folheto como eu, modéstia à parte, tem um valor imenso.

Outros folhetos, tais como horóscopos, adivinhações, guias amorosos, não trazem a mesma mensagem que a minha. Eles procuram iludir as pessoas, desviando-as do caminho, da verdade e da vida que é Jesus Cristo.

Eles não tem a força como a minha. Suas palavras não tem poder. Portanto, só iludem.

Fico contente porque falo de um Salvador eterno, de uma obra eterna, de um perdão eterno, de uma vida eterna.

As vidas que foram transformadas ao longo de minha existência hoje desfrutam o gozo dos céus.

Como fico orgulhoso.

Bem, vou seguindo o meu caminho. Não quero aposentar-me. Há, sem dúvida, muitas almas que necessitam de minha mensagem .

Quero prosseguir entrando nas favelas, nos hospitais, nas mansões, à beira mar, nos navios, enfim em todos os lugares.

Quero transformar notas de desânimos e angústias em cânticos de salvação.

Onde houver desespero quero levar esperança; onde houver perigo de morte eterna, quero levar vida eterna; onde houver lágrimas derramadas, quero mostrar quem enxugará dos olhos toda lágrima; onde houver ódio quero levar amor; onde houver trevas quero levar luz.

E tudo isto por mim mesmo, um folheto de quatro páginas, escrito pelas mãos de Deus.